



Antonia e Martim, meus amores,

Enquanto vocês assistem a um desenho animado, eu me pergunto como começar esta carta. Escrevo, apago, escrevo de novo, me distraio olhando pra vocês. Tanta coisa boa me vem à cabeça que hesito em remexer no passado. O pai de vocês, se soubesse que tomei a decisão de contar o que aconteceu comigo, diria, esquece. No princípio, acreditei que fosse possível. Mais do que ele, mais do que todos, encarei o esquecimento como a única forma de seguir adiante. Eu passava horas inventando estratégias para apagar a realidade dos fatos, como se eu pudesse voltar a ser a mesma Júlia de antes. Mas há coisas que, mesmo depois de terem acontecido, continuam acontecendo. Elas não te deixam esquecer porque se repetem todos os dias. É por isso que não tiro da cabeça que vocês sabem. Vocês habitaram a minha barriga, mamaram nos meus peitos, tomam banho comigo, dormem no meu colo, a gente se enrosca no sofá, então vocês sabem, como eu sei toda vez que me olho no espelho. Só não conhecem as palavras.

Ontem, me revirei insone na cama, pensando: e se eu morrer sem falar pra eles? Primeiro, achei que seria melhor assim. Depois, me convenci de que, se isso acontecer, vai chegar o dia em que vocês vão ouvir algum rumor, vão descobrir uma ponta da história, talvez outra e mais outra — mas vai sempre faltar um pedaço. Vai faltar a verdade, porque assim, como vou contar agora, eu nunca contei a ninguém.

Posso imaginar o espanto de vocês se um dia lerem esta carta. Não vai ser fácil ver a própria mãe estilhaçada. Antes de mais nada, quero que entendam uma coisa que eu mesma demorei para aceitar: se em algum momento parecer que enlouqueci,

saibam que ninguém é verdadeiro na lucidez. Ninguém. Nem mesmo a mãe de vocês.

Era uma terça-feira. O ano, 2014. O Brasil, país do futuro, parecia bastante próximo de realizar seu destino. Em menos de um mês, sediaria a Copa do Mundo e, dois anos depois, o Rio de Janeiro se tornaria a capital olímpica. Nada apontava para um desastre, nem na cidade, capa de todos os jornais e revistas, nem na minha vida. Não tinha como dar errado, até porque os destinos se fundiam. Meu escritório — naquela época, apenas Cadu e eu — tinha vencido o concurso para projetar a sede do campo de golfe, que, depois de cento e doze anos, voltava às Olimpíadas.

Lembro o dia da semana porque havia deixado um papel em cima da escrivaninha: *terça-feira, reunião com a prefeitura*. Mais precisamente, nossa primeira reunião com a Secretaria do Meio Ambiente, o dono do terreno na Barra da Tijuca e o projetista internacional do campo de golfe, todos juntos.

Severino, o porteiro do prédio, ainda não tinha voltado do almoço e, como de hábito, escondi a chave num vaso de planta ao lado da escada. Nunca levo nada comigo quando saio para correr, só o celular preso na calça e os headphones nos ouvidos. Até aí, consigo me lembrar de tudo, da porta do prédio batendo, eu olhando para o lado para conferir se vinha algum carro, atravessando a rua, virando à direita, depois à esquerda, passando pela padaria do Horto e pela banca de jornal, mas, a partir do instante em que começo a percorrer o trajeto de subida até a Vista Chinesa, os detalhes se tornam menos precisos. Não sei dizer se havia outras pessoas, se havia mais pássaros do que o normal, se macacos cruzaram o caminho, ou se o sol, que reluzia forte, em algum momento desapareceu atrás de uma nuvem. Quando estou correndo, eu me desligo do mundo. Nem a floresta que ladeia a pista, nem eventuais passantes, nem mesmo o visual lá de cima, assombroso, me chamam a atenção. Só volto à realidade quando a voz metálica do telefone interrompe a música para me anunciar a velocidade média e a quilometragem

percorrida.

Se a cabeça vai longe, o corpo, pelo contrário, está sempre presente. Os músculos da perna se contraem, a dor chega, lancinante, e fico no limite de desistir. Mas isso nunca aconteceu. Por mais penoso que seja, sou incapaz de dizer a mim mesma, hoje, estou cansada. Hoje, meu corpo não aguenta. Eu o obrigo a aguentar.

Mas, com a dor, chega também o prazer, a endorfina se espalha, o sangue circula com pressa, e tenho a sensação de que estou cumprindo a minha meta.

Duas vezes por semana, eu repetia o ritual. A única diferença aqui era o horário: eu nunca corria à tarde. De manhã tem mais gente, e eu detestava ouvir meus pais ou o Michel dizendo que eu não devia correr na Vista Chinesa, é deserta, o Rio de Janeiro, mesmo agora, mesmo sendo a cidade mais falada do mundo, nunca deixou de ser perigoso. Mas até aquela terça-feira o perigo era para mim uma abstração.

Sem que eu tivesse intuído nada, previsto nada, sem que eu tivesse pensado, está vazio, ou avistado alguém estranho ao longe, sentido algum rastro de medo, um arrepio, uma sensação ruim, sem que eu tivesse recebido algum sinal do mundo externo, o perigo apareceu de repente nas minhas costas. Ele era baixo, forte, encostou uma pistola na minha cabeça e ordenou, me segue, a voz se fundindo à da Daniela Mercury, a mão me apertando o braço, interrompendo a corrida e me arrastando para a floresta, aquela mata linda, exuberante, cantada nos mais belos poemas, exaltada nos guias turísticos e na escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas 2016, aquela mata que todo mundo diz que é o que faz a diferença, afinal muitas capitais têm praia, mas uma mata assim, tropical, verdejante, imensa, só no Rio, aquela mata frondosa, casa de tucanos, cobras e macacos, aquela mata que exala um cheiro doce e enjoativo de jaca, aquela mata que todo mundo admira quando está subindo a Vista Chinesa e na qual quase nunca reparo, porque quando estou correndo eu me desligo do mundo, aquela mata virou o meu inferno.

No mesmo instante em que meus pés deixaram o asfalto e pisaram as folhas caídas na umidade da floresta, percebi que havia alguma coisa incômoda no contato da mão dele com o meu braço. Sem mexer a cabeça, olhei para o lado e vi que ele usava luvas. Nos segundos seguintes, ou nos minutos, já não sei, eu só conseguia olhar as luvas. Os galhos arranhando o meu corpo, a voz dele, o sol desaparecendo entre as árvores, as ameaças, o barulho dos passos na mata, tudo se diluindo e perdendo a forma original, eu só via as luvas. Preciso me esforçar, preciso me lembrar de tudo, só as luvas não bastam, mas mesmo agora, com exatidão, só vejo as luvas. O resto, apenas imagens borradas. Depois eu vejo outras coisas. Vejo pedaços, fragmentos daquele momento: uma clareira um cinto um tapa minha garganta folhas no céu uma boca se mexendo uma língua sapatos um peito nu um tapa um passarinho um soco um cinto folhas caindo do céu outro soco ânsia de vômito gosto ruim uma nuvem dor vai quebrar mosquitos um cheiro ruim dentro outro tapa fora dor dor dor uma jaca duas jacas várias jacas um rosto os detalhes de um rosto um rosto se desfigurando um rosto.

É difícil descrever um rosto. Isso vale até para um rosto íntimo que a gente não vê há certo tempo. O da minha avó, por exemplo, eu sou capaz de recompor apenas com uma fotografia. Às vezes me pergunto, insegura: como era mesmo a minha avó? A imagem de um rosto difuso surge e vai ganhando contorno, mas quando tento focar numa parte isolada, nos seus olhos, no seu nariz, não consigo, é como se as partes só existissem juntas, uma coisa só.

O que mais importa numa pessoa: o todo ou os detalhes? Aquilo que lembramos ou o que esquecemos?

Nos dias seguintes, tive que descrever o rosto do homem. O tom da pele, o formato da boca, o tamanho do nariz, a cor dos olhos, a textura do cabelo, todo e qualquer traço distintivo, uma cicatriz, uma pinta, uma marca, uma tatuagem. Foi então que tudo começou a se confundir, os detalhes iam e vinham, se misturavam, entravam e saíam de foco, eu tinha que lembrar, e a lembrança escapava, tal como uma imagem que nos ocorre no

meio da noite e que torna a escurecer rapidamente caso tentemos agarrá-la, ou uma prova fotográfica deixada por muito tempo no banho de revelação.

É desesperador quando a palavra não cola na imagem. Toda fenda é exasperante, mas esta dói no corpo. Eu tenho vontade de sair gritando, por favor, me deem a palavra certa, aí alguém diz, não existe, as palavras certas nunca existem, mas eu não acredito nisso, eu acho que para toda coisa existe uma palavra certa e se a gente falar falar falar uma hora a gente encontra.

As palavras certas poderiam ser: *Eu fui estuprada*. A mãe de vocês foi estuprada. Eu, a mãe de vocês, fui estuprada. Foi. Fui. Estuprada. Estuprada. Es-tu-pra-da.

Isso é o que vocês vão ouvir de alguém, numa conversa distraída, um copo a mais, uma conversa mais íntima, ou até de mim mesma, a mamãe foi estuprada, sabiam? E ainda assim falta alguma coisa. Falta dar a essa palavra os sentidos que ela teve para mim naquele instante e em todos os que se seguiram ao longo desses cinco anos, nos quais eu me tornei a mãe de vocês.

Já era noite quando meus pés voltaram a pisar o asfalto, agora descalços, lanhados pelos galhos. Finalmente eu havia encontrado a pista, não sei quanto tempo passei perdida na mata, desnorteada, ora para um lado, ora para outro, vendo o céu escurecer numa velocidade assustadora, até que eu consegui, encontrei o asfalto, e o asfalto nunca tinha me parecido tão macio, tão aconchegante, tão próximo. Eu estava viva, era o que eu pensava, estou viva, era a única coisa que me importava, eu queria chegar a um lugar seguro e dizer aos outros, estou viva.

Eu desconfiava que meus pais, meu irmão e o Michel estivessem à minha procura. Eu tinha avisado ao Cadu que ia correr na Vista Chinesa antes de seguir para a reunião, garantido que não chegaria atrasada, imagina, nem pensar chegar atrasada para a nossa primeira reunião com a prefeitura sobre a sede do campo de golfe olímpico. E, quando eu dizia que não ia atrasar, eu nunca atrasava. Certamente, ele já tinha ligado para a minha mãe ou para o Michel, todo mundo estava preocupado,

refazendo dezenas de vezes o trajeto da minha casa até a Vista Chinesa. Era bem provável que os encontrasse no meio do caminho.

Vi de relance uma pessoa descer de bicicleta, tão rápido que mal deve ter percebido a minha presença. Pouco depois, ergui o rosto e avistei um guarda-florestal. Presumi que fosse perguntar se eu precisava de alguma coisa, mas ele continuou andando, como se eu não existisse, e confesso que, apesar do espanto, me senti aliviada. Eu não queria falar com ninguém, só queria chegar em casa e dizer que estava viva. Quase no Horto, um casal se aproximou, eu os afastei rapidamente com a mão, o gesto ríspido, deixando claro que não queria contato, e foi só então que me dei conta de que a minha camiseta estava rasgada. Mexendo nela vi as marcas na minha barriga, que subiam até os braços. Pus a mão no rosto e doeu. Meu nariz e meu olho esquerdo estavam inchados.

Comecei a chorar. Aquele corpo saudável que subia a Vista Chinesa de *legging* e camiseta, que fazia seis quilômetros em quarenta minutos, tinha se convertido num corpo machucado, frágil, cheio de marcas. Foi então que parei de pensar que estava viva e passei a me perguntar como seria viver depois daquilo, como eu iria trabalhar, comer, tomar banho, era óbvio que nunca mais ia conseguir dormir, nem beijar o Michel, nem transar com o Michel, e os filhos que eu queria tanto, como eu ia fazer, eu estava viva, mas ainda não sabia se a vida seria possível.

Meu pai e meu irmão subiram de carro assim que virei à esquerda no alto da minha rua. Não nos cruzamos por pouco. Continuei descendo quase dez minutos sozinha, eu andava muito devagar, com os pés descalços e arranhados. Ainda ao longe, avistei uma mulher à porta do meu prédio. Não adivinhei logo quem era. Só quando me aproximei, reconheci o vestido, um vestido que ela usava sempre.

Diana veio correndo na minha direção, e senti que podia me desligar, entregar o meu corpo a outra pessoa, àquela amiga com quem eu tinha tanta intimidade, que me abraçou com força, ternura, que me acolheu em seu corpo longilíneo, e por alguns

segundos perdi a consciência, que era o melhor que podia me acontecer naquela hora, estar desacordada em seus braços quentes e afetuosos.

Fui despertando aos poucos, ouvi a voz dela gritar pelo Severino, que ajudou a me carregar escada acima até o primeiro andar. Eles me puseram no sofá, a porta bateu, Severino havia ido embora, permaneci deitada, esperando. Diana pegou o telefone e anunciou para a minha mãe, a Júlia chegou.

Percebi que ela estava abatida, as costas curvas, o olhar perdido. A gente se abraçou e chorou, como se eu pudesse passar um pouco do meu corpo dilacerado para ela e como se ela pudesse me dar um pouco do seu corpo inteiro. Ela me perguntou se eu queria falar e respondi com um gesto. Banho, você quer tomar? De novo, não consegui articular nada. Então ela afirmou, vamos, e me conduziu até o banheiro. Girou a torneira e me disse, pode deixar que eu te ajudo. Tudo o que eu queria era tirar a roupa, mas tudo o que eu não queria era ficar nua. A parte que tinha morrido era o meu corpo, e o meu corpo era o que estava mais vivo, gritando com a boca escancarada, os dentes à mostra.

Levantei os braços e ela tirou minha camiseta. O sutiã tinha ficado na mata. Dos olhos dela, as lágrimas não paravam de cair, e de repente ela me pediu desculpas, é claro que ela queria parecer forte, não queria se mostrar assustada, horrorizada, queria parecer o mais natural possível, me passar confiança, me assegurar de que em breve tudo ficaria bem, mas nada daquilo era natural, e ela então desabou. Voltamos a nos abraçar, a água vai te acalmar, ela dizia, mas ela devia querer dizer, a água vai limpar a sujeira que se instalou aí.

Eu não tinha força para baixar a *legging*, e foi Diana quem fez isso por mim. Minhas coxas estavam tão marcadas quanto a barriga, eu não sabia se daria conta daquele corpo que nunca havia sido tão meu e ao mesmo tempo tão pouco meu. Quero devolver, quero trocar. Este corpo agora é outro. Quando ela foi baixar minha calcinha, eu segurei as suas mãos. Tive vergonha. Uma vergonha imensa, como se estivessem escritos entre as

minhas pernas todos os detalhes, inclusive os piores, do que tinha acabado de acontecer comigo. Como se, não. Estavam. Qualquer um poderia desvendá-los ao olhar para o meu corpo nu.

A água quente me levava para muito longe, dissolvendo a concretude dos meus ombros, das minhas pernas. Permaneci imóvel, os olhos fechados, por um bom tempo, até que o choro retornou, incontrollável. Com uma das mãos na parede e a outra na porta do boxe, fui deslizando até sentar. Pouco depois, Diana entrou. As mãos dela na minha cabeça, esfregando o xampu, foram a minha primeira alegria. A segunda foi a água escorrendo sobre o meu rosto, levando a espuma.

Recuperei certo ânimo e, quando me dei conta, tentava com a bucha arrancar a pele, aquela camada impura, tudo o que eu queria era uma pele nova, a gente aprende desde cedo que a pele se regenera, ela descama e renasce, é só pensar em quando a gente toma sol ou faz uma esfoliação. Então eu podia, era só esfregar com força que o mal iria embora e eu seria eu de novo, inteira.

Assim que desliguei o chuveiro, ouvi a campainha. Enrolada na toalha, Diana saiu correndo, aflita. Abri a porta de vidro e me joguei nos braços da minha mãe, no colo pelo qual eu ansiava desde o instante em que sentira a frieza metálica da pistola encostar na minha cabeça.

Foi a primeira vez que falei. Eu não precisava dizer nada, o estupro estava escancarado no meu rosto, nas marcas, mas ela não tinha me visto chegar, não tinha visto a roupa rasgada, e eu quis ter certeza de que ela sabia, então eu disse uma única frase e me calei. Lembro de ter me perguntado se era pior estar no meu lugar ou no lugar dela, uma dor inalcançável, a impossibilidade de um sofrimento físico, palpável, a lacuna que nos separava. Eu veria minha mãe emagrecer nos dias seguintes, mas ela nunca iria conhecer no corpo a agrura que eu havia experimentado, e não deve haver aflição pior que o desconhecimento tangível da dor de um filho.

Diana entrou no banheiro com o rosto pálido, afoita, me

*image
not
available*

que ele me respondeu com toda a paciência e ternura, sempre me tranquilizando, dizendo que ia ficar tudo bem. Mesmo sabendo que não era verdade, eu precisava acreditar que sim, precisava ouvir que sim.

Depois do exame, fui levada para outra sala, aonde as pessoas começaram a chegar uma atrás da outra. Sem que eu me desse conta, de repente éramos sete, oito, talvez dez, onze, na sala do hospital, alguns amigos falavam alto, e eu só pensava em sair dali quando o Bruno me perguntou se eu não preferia dormir na clínica. Meu olhar de desespero deve ter respondido por mim, porque ele logo acrescentou que, se eu quisesse voltar para casa, me passaria uma receita de calmante.

Diana, uma espécie de sombra minha nos dias seguintes, telefonou para uma amiga que trabalhava no SUS e pediu o coquetel. Duas horas depois, ele estava lá, aqueles comprimidos enormes e nauseantes que eu teria que enfiar garganta abaixo durante duas semanas.

Lembro de pensar que, se eu não tomasse o remédio, eliminaria o acontecimento. Eu me perguntava, e se eu fingir que nada aconteceu? Se eu me convencer de que nada aconteceu? Aí nada terá acontecido. Vou parar de tomar o coquetel, porque não houve nada, foi só um pesadelo, um equívoco, uma vírgula mal colocada, que eu agora vou desviar da minha história. Mas depois eu olhava o comprimido e o engolia, cheia de medo.

As pessoas não paravam de falar. As vozes iam se misturando, umas altas, outras baixas, iam se juntando e fazendo um novelo na minha cabeça, foi a primeira vez que ouvi essas vozes, autônomas, sem corpo, que ganhavam presença mesmo que não houvesse ninguém por perto. Mais tarde, eu passaria a ouvi-las com frequência.

A enfermeira chegou, enfiou a agulha no meu braço direito e tirou vários tubos de sangue. Senti o cheiro enjoativo da jaca mesclado com o cheiro *dele*, do homem, com outro cheiro que eu não soube identificar mas que sabia que era da mata, o cheiro que eu senti não só nas narinas mas também no estômago, na

*image
not
available*

princípio, de uma forma tão técnica e objetiva que fiquei com a sensação de não estar dizendo nada. Mas, à medida que eu ia narrando, o tempo ia se embaralhando, como se eu não soubesse a ordem dos acontecimentos, em que instante ele havia me obrigado a chupar seu pau, se antes ou depois de me dar um soco ou da minha tentativa de fuga. Gaguejei, hesitei, e então ela me disse que um depoimento deve ser feito logo após o crime. Quanto mais o tempo passa, mais a memória se confunde.

Diante da minha dificuldade e da incerteza que começava a se esboçar, ela decidiu seguir para o retrato falado. Aos poucos, fui entendendo que era como montar um quebra-cabeça. Primeiro, é preciso desenhar o contorno do rosto, oval e comprido no caso, depois as características mais marcantes — cicatrizes, barba ou acessórios — e, por fim, encaixar os olhos, o nariz, a boca, as sobrancelhas, o cabelo.

O papiloscopista levantou a folha na minha direção e perguntou se a boca era daquele jeito. Ante a resposta negativa, ele fez novas perguntas e voltou a desenhar.

Mais larga?

Mais fina.

Tinha manchas?

Não.

A parte superior era delineada?

Como assim?

O contorno era bem definido?

Um pouco. Quer dizer, não. Quer dizer, sim.

Não ou sim?

Talvez. Sim. Mas não muito.

Negro?

Branco.

Pardo?

Branco.

Moreno?

Talvez.

Talvez?

Sim. Branco, moreno.

*image
not
available*

ideia dela vir até a minha casa para me ouvir, ela estava lá, sentada na minha poltrona, e eu não conseguia falar, eu não queria falar.

O silêncio era uma espécie de retorno ao início, uma borracha nos anos de análise. Ele juntava todas as minhas questões anteriores, a relação exagerada com o meu pai, meus dilemas com o Michel, meus questionamentos de trabalho, minhas crises existenciais, minhas perguntas, minhas dúvidas, minhas obsessões, e jogava tudo no lixo. O silêncio me dizia que aqueles sete anos que antes me pareciam tão proveitosos agora não tinham a menor importância.

De tudo o que havíamos pensado juntas, concluído juntas, o que poderia me ajudar a entender o acontecimento?

Foi esta a minha primeira palavra, acabou, eu disse, e retomei o silêncio. Alguns minutos depois repeti, acabou. Muita coisa havia acabado, o meu corpo, o meu trabalho, o meu namoro, as minhas dúvidas, as minhas questões, a minha vida tinha acabado. Acabou. Era a única coisa que eu conseguia dizer, sempre com um intervalo longo entre as repetições, o intervalo necessário para segurar o choro. E toda vez que ela tentava me fazer uma pergunta, toda vez que ela insistia para eu falar mais, eu a interrompia e dizia:

Acabou.

A-ca-bou.

A-c-a-b-o-u.

Depois de uma hora em que só repeti a mesma palavra ou caí no silêncio, percebi que seu corpo se mexia na poltrona, ela ia se levantar, eu sempre sabia o momento em que ela ia se levantar, em que ela ia dizer a mesma frase com que encerrava todas as sessões. Então ela se mexeu, ela se levantou, pegou sua bolsa e disse, a gente continua. Naquele instante eu senti uma raiva tremenda, eu senti ódio dela, ódio por ela ter vindo até mim, ódio por ela querer me ouvir, ódio por ela existir, ódio por ela ir embora, ódio por ela não ter entendido nada, ódio por tudo ter acabado, ódio por tudo continuar.

Esse, o meu desespero. O mundo continuava, e também o

*image
not
available*

revólver pra mim é só um revólver, só tem um nome, você sabia que os esquimós têm várias palavras para a palavra “branco”, porque cada tipo de branco é uma cor diferente pra eles, mas a gente só tem uma, né, todos os brancos se chamam branco, então, é a mesma coisa.

Acordei com as vozes dos policiais na minha casa. Naquela altura, o que era meu foi deixando de ser meu. Primeiro, o corpo, depois a casa, as pessoas entrando e saindo. Às vezes, nem tocavam o interfone, Severino deixava entrar, de repente a campainha lá do apartamento me acordava. E eu, sempre num estado letárgico, pois tomava mais Frontal do que o Bruno recomendava. Antes, eu me gabava de me controlar tão bem, uma arquiteta organizada, disciplinada, eu conhecia meus pensamentos matinais, meus pensamentos noturnos, mas de repente passei a ouvir vozes, ouvir os bichos da mata, o vento sobre a copa das árvores, os meus pés descalços sobre as folhas.

Eu tinha dormido na poltrona, meu pescoço doía. Lembro de ver meus tênis embrulhados em plástico em cima da mesa de centro. E lembro de sentir a mão do José sobre a minha cabeça, fazendo cafuné. O colar da avó, perguntei, você achou? José balançou a cabeça de um lado para outro, antes de me acalmar, mamãe está vindo.

Poucos minutos depois, ela entrou carregando um bolo. Não devia imaginar que fosse encontrar tanta gente lá em casa, mal conseguiu esconder o espanto. Na época, eu morava num apartamento pequeno, com apenas um quarto e uma sala estreita que desembocava na cozinha aberta. Os três policiais e a delegada estavam de pé, conversando. Minha mãe depositou a travessa na bancada, tirou a tampa e perguntou, estão servidos?

O clima foi descontraído, cada um com seu pedaço de bolo, aquele bolo formigueiro que minha mãe fazia quando eu era criança e agora faz para vocês e vocês adoram, aquele bolo que eu nunca mais consegui comer mas que era a única coisa que me caía bem então, o bolo da minha mãe, quente, se estivesse frio eu colocava no micro-ondas, para me dar um conforto.

*image
not
available*

quando as fotos chegaram eram a coisa mais bonita que eu já tinha visto, uma comoção genuína foi me subindo ao peito, o encontro com uma identidade perdida, crescendo a cada foto que eu descarregava no Facebook e no Instagram, os comentários pululando, uau, que forte, como você está linda, como você fica bem grávida, um monte de corações, grávida de máscara, grávida selvagem, grávida animal, e de repente eu era uma grávida feliz, uma grávida estupidamente feliz, nunca tinha me sentido tão bonita, tão adaptada ao meu corpo, que coisa boa era estar grávida, de gêmeos então, uma alegria.

É com essas máscaras que vocês adoram brincar. Vocês dois de animais selvagens correndo pela casa, gritando e urrando, com as mesmas máscaras que a mamãe e o papai usaram para fazer as fotografias na Floresta da Tijuca, hoje penduradas no quarto de vocês.

Fiz uma pesquisa na internet e descobri as mesmas imagens de nariz com as quais o papiloscopista tinha me confrontado. Ao lado delas, havia uma descrição subjetiva para os donos de cada formato.

Nariz núbio — Pessoas com este tipo de nariz são curiosas, otimistas e tentam agradar os outros. Procuram solução para todos os problemas.

Nariz grego — Pessoas muito práticas e leais, mas com dificuldade em falar abertamente sobre os seus sentimentos. Podem passar uma imagem de inacessíveis.

Nariz de gancho — Pessoas que defendem seus ideais com paixão e não têm medo de assumir riscos para alcançar seus objetivos.

Nariz arqueado — Pessoas voltadas para o trabalho e extremamente organizadas.

Nariz de botão — Quem tem um nariz assim é muito espontâneo em suas decisões, o que pode irritar os outros.

Nariz reto — Tendem a ter personalidade forte. Podem se

*image
not
available*

que se decompunha, que eu queria que desaparecesse. Ela me abraçou com força, como se, ao contrário de mim, quisesse a concretude do meu corpo, a solidez dos meus músculos de atleta, a filha saudável e forte, a filha que não parava, a filha que usufruía da cidade sem medo, ela me queria como antes, intacta, e quanto mais ela me abraçava mais certeza eu tinha de que nunca teria aquela filha de volta. Não do jeito que eu era. Um pedaço de mim, um pedaço grande de mim havia ficado na mata, perdido, esfacelado, restos de carne, comida dos animais.

Se eu estivesse sozinha com o desconhecido numa sala da delegacia, ele algemado na minha frente, eu o espancaria, bateria nele até deformar seu rosto e nunca mais ninguém poder reconhecê-lo, nem mesmo a minha lembrança. Se eu estivesse sozinha com o desconhecido numa sala da delegacia, eu o rasgaria todo com uma faca, suas entranhas para fora, o chão ensanguentado, sua voz em lenta agonia até o suspiro final. Antes disso, o seu pau pendurado, não, o seu pau cortado e depois enfiado na sua boca para eu não ter que ouvir gemido algum. Mas eu não disse isso. Nem imaginei.

Na primeira vez em que fiquei nua na frente do Michel depois do estupro, pensei: ele está vendo no meu corpo toda a verdade. Agora, sim, ele sabe, meu corpo não consegue esconder o que não contei. Eu me cobri, ele me abraçou, disse para eu ter paciência porque com o tempo tudo voltaria ao lugar. Não temos pressa, ele disse.

Na segunda vez em que fiquei nua na frente do Michel, pensei a mesma coisa. Demorei para me cobrir, mas me cobri. Na terceira, na quarta, na quinta, sempre o mesmo sentimento, e ele sempre me dizendo que tinha paciência. Mas eu não, e aos poucos fui me treinando, me obrigando a ceder mais e mais, pensando: alguma hora vai passar, alguma hora vou tirar a roupa e não vou pensar que ele está vendo que eu fui violentada.

Eu não me incomodo com a cicatriz da cesariana. O traço torto e o queloide não alteram a minha ideia de perfeição, mas

*image
not
available*

O portão do hotel era o mais inesperado que eu já tinha visto. Uma enorme figura indígena de madeira, com a pele pintada, rasgava o próprio peito com as mãos. Como se invadíssemos o seu corpo, entramos por uma vereda de terra ladeada por plantas. Indo em frente, chegamos à recepção. Um alívio, quase uma alegria, se apoderou de mim enquanto ouvia o jovem do outro lado do balcão, a pele muito escura, o cabelo liso e preto, uma simpatia que encontraríamos em toda parte por ali: ele não sabe de nada, pensei. Ele não sabe quem eu era, quem eu me tornei. Ele não sabe o que aconteceu comigo. Ninguém aqui sabe.

Com esse sentimento de liberdade, segui até o nosso bangalô, uma cabana isolada na areia, com troncos de madeira à entrada, telhado de palha e decoração rústica; no centro, uma cama envolta num mosquiteiro. Ao redor do bangalô, uma infinidade tropical de árvores e plantas. Na frente, o mar azul e cristalino. Um cenário concebido para tudo nele dar certo, uma arquitetura discreta incrustada na natureza, o barulho das ondas, o céu límpido.

Em cima da cama, havia um menu com tudo o que o hotel oferecia, desde massagens e banhos de purificação locais a aulas de ioga e caminhadas, numa mistura do México com a Índia. Olhei no relógio, faltava pouco mais de uma hora para o encontro de meditação. Achei que seria uma boa forma de entrar no clima da viagem. Michel preferiu descansar.

Na porta de entrada, havia dois grandes elefantes de madeira. No fundo da pequena sala, que cheirava a incenso, um altar repleto de figuras indianas. No resto do espaço, oito tapetes estavam dispostos lado a lado, só dois vazios. Sentei num deles e sorri para a instrutora, que sorriu de volta, enquanto as outras pessoas permaneceram de olhos fechados, uma mão sobre a outra, as palmas voltadas para cima, num dos mudras da meditação. Imittei a postura, e logo em seguida a instrutora dirigiu nossa respiração, primeiro, abdominal; depois, o ar sobe, abrindo as costelas e o peito. Quando a mente fugir, tragam ela de volta para a respiração, ela disse.

*image
not
available*

Pensa bem.

Fechei e abri os olhos várias vezes. Era ou não era? Era?

Na sala da Dulcineia, ela me questionou, o veredito? Hesitei. Gaguejei. Ela prosseguiu, com algum desânimo, e aí? Respondi, acho que não. Acha?! Acho. Quer dizer, não é. Até tem uns traços parecidos, mas não é. A voz é muito diferente. O corpo. É mais alto. O rosto se assemelha num aspecto ou noutro, mas não é ele.

Dulcineia se levantou, nitidamente irritada, com o olhar fixo no meu, Júlia, eu vou te explicar uma coisa: você viveu um trauma. Um trauma, entendeu? Você não pode achar que se lembra de tudo... Eu vou mudar a pergunta, não quero mais que você me diga se é ou se não é ele, quero que você me responda: é parecido com ele?

Fiquei muda.

Ela prosseguiu:

Os olhos do suspeito se parecem com os olhos do homem que te violentou?

Não.

Por quê?

São menores.

E a cor?

A cor, acho que sim. Mas quase todo mundo tem olhos castanhos, né?

O nariz do suspeito parece com o nariz do homem que te violentou?

Acho que sim.

Para de achar. Parece?

Um pouco.

Explica.

O formato triangular.

A boca do suspeito parece com a boca do homem que te violentou?

Um pouco também.

Explica.

São as duas finas, mas a do homem era mais fina.

*image
not
available*

Michel, eu chutava o Michel, tentava me desvencilhar, ele não me largava, a gente lá perdendo tempo, vamos fugir, correr, ele me apertando cada vez mais até eu não conseguir me mexer, então fechei os olhos, eu preferia ser engolida sem ver.

A árvore larga lhe servia de apoio, seu corpo baixo e forte contra o tronco rijo. A mão puxando meu cabelo me conduzia para o lugar mais terrível, enquanto eu pensava, por favor, isso não, mas nenhum pensamento o impedia de fazer o que quer que fosse, e foi então que comecei a dizer a mim mesma que o melhor era não pensar, eu até queria não resistir, porque já tinha lido, já tinha ouvido que num estupro quanto mais você resiste, mais o estuprador gosta, se você ficar quieta e aceitar, você pode ter a sorte de ele não gostar e ir embora, se você fingir que está gostando, as chances aumentam, mas eu não sabia como ficar quieta, eu não soube obedecer e abrir a boca como ele estava mandando, na hora que o meu rosto alcançou o seu pau. Então ele puxou meu cabelo com força e empurrou a minha boca, que permaneceu fechada até as suas mãos bruscas esgarçarem o meu maxilar, me fazendo sentir o cheiro, o gosto que eu não queria sentir, o cheiro e o gosto que voltam junto com o cheiro e o gosto da jaca, o pau dele roçando os meus dentes, eu tentando esconder a língua em algum canto para não sentir o gosto, tentando não respirar para não sentir o cheiro. Voltei a pensar que se me esforçasse poderia fingir que estava gostando, mas o que me tomava era o impulso de morder e arrancar o pau dele, cuspir o pau dele na mata; o que eu sentia era raiva, um ódio profundo, a vontade de ser mais cruel com ele do que ele era comigo, mas também vontade de vomitar, falta de ar, os olhos fechados, tontura, a mente perdendo o controle, se deixando levar, como se só assim eu pudesse não enlouquecer ali, naquele mesmo instante, como se só assim eu pudesse não morrer ali, naquele mesmo instante.

Três dias depois da minha ida à delegacia, foi a própria Dulcineia quem me ligou, e aí, já tem uma resposta? Me senti perdida,

*image
not
available*

De repente, uma onda grande, inesperada, meu corpo embrulhado no mar, meu cabelo cheio de areia, cadê o aparelho? Outra onda grande, mergulha, rápido, a minha mão procurando a dele embaixo d'água até encontrar, dessa vez um mergulho fundo, e a onda estourando acima dos nossos corpos, sem nos arrastar. Ainda veio outra, são sempre três.

Em seguida, o mar calmo de novo, nós dois procurando o freio de burro, eu mergulhando repetidamente para ver se a areia largava o meu cabelo e a minha roupa. Minha mãe vai me matar, eu disse, custou uma fortuna. Quando desistimos, lá estava ele, na beira d'água, indo e vindo.

Depois de esperar o tempo passar, saí andando perdida na mata, descalça, temendo, vai anoitecer, tenho que chegar logo à estrada, eu corria, eu andava, eu parava, eu respirava, a luz indo embora, as cigarras cantando, uma folha, outra folha, outra folha, um mosquito, outro mosquito, outro mosquito, impossível contar os detalhes na floresta tropical, eu correndo, eu andando descalça, eu não sentia os pés, de repente me lembrei do colar, o colar que minha avó tinha trazido dos anos no México, o colar que ela usava sempre, o colar da deusa Ixchel, deusa maia, uma mulher com uma serpente no lugar do cabelo sobre a lua cheia, o colar que eu herdara da minha avó, que minha avó tinha me dado pouco antes de morrer e que o estuprador arrancou do meu pescoço quando me mandou lambe seu rosto, e o colar bateu no seu queixo, a fúria dele com o meu colar, e o colar lançado para longe, na hora pensei, se eu sobreviver vou procurar o colar, mas esqueci, eu agora lembrava, pensei em voltar, mas voltar para onde?, de onde eu tinha saído?, para onde eu ia?, a escuridão caindo sobre a mata, eu nem senti a vontade chegando, mas senti, sinto agora, o xixi escorrendo pela minha perna por baixo da calça, tanto xixi, não sei dizer por que fiz xixi nas calças, não lembro de ter sentido vontade, de estar apertada, lembro apenas do xixi escorrendo pelas pernas, molhando a calça já molhada pelo suor, pela umidade, o medo.

ele me chupava, eu pedia, mais força. Tirei a roupa dele com rapidez e sentei sobre o seu corpo. Eu me movia com pressa, apertava o seu pau dentro de mim, enquanto as suas mãos apertavam a minha bunda, e as minhas apertavam seus mamilos. Sem que eu desse nenhum sinal de que fosse parar, ele me pediu, com os olhos arregalados, não para, me segurou com força e gozou. Deitei ao seu lado, uma alegria maior que a alegria do gozo, a alegria de sentir que a vida voltaria a caminhar, o tempo voltaria a passar, quem sabe um dia o estupro não se tornasse um ponto pequeno e longínquo? Envolvendo seu corpo, eu afirmei, também quero, ele sorriu, pôs a cabeça entre as minhas pernas e, ao contrário dele, eu demorei, demorei bastante, deixei que ele permanecesse muito tempo no mesmo lugar. Eu tinha certeza, já havia pensado nisso, de que iria chorar muito, não iria aguentar de tanto chorar, mas de repente o gozo veio, eu gozei com a língua dele na minha boceta — e não chorei.

Sabia que também dá para descobrir a sua personalidade pelo formato da boca?, perguntei a Dulcineia. Ela me olhou com certa piedade, devia achar que eu estava ficando louca, mas eu não estava ficando louca. É verdade, eu disse, eu vi na internet. Você, por exemplo, tem os lábios grossos e grandes, e pessoas com esse formato de boca nasceram para cuidar de alguém. Faz todo o sentido, você não acha? Policiais nasceram para cuidar dos outros. Ah, e também têm forte instinto materno, você tem filhos? Eu quero muito, mas o Michel acha que temos que esperar o momento certo, se a gente for esperar o momento certo, não vai ter filho nunca, né? Ela concordou, balançando a cabeça. Já eu tenho o lábio superior maior que o inferior, e pessoas com esse formato de boca são dramáticas, emocionais, carismáticas e alegres. Você acha que eu sou dramática, emocional, carismática e alegre? Alegre, eu sei que sou. Diante do silêncio dela, pedi, espera um minuto.

Voltei com várias folhas plastificadas na mão, a ilustração e a descrição dos formatos de boca em cada uma. Quem tem o lábio